



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 10 Informação e Memória
Modalidade de apresentação: Pôster

INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E OBJETOS: UMA ANÁLISE SOBRE COLEÇÕES NA NARRATIVA FÍLMICA O CHEIRO DO RALO

Thaina Castro Costa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Pretende analisar a narrativa fílmica *O cheiro do ralo* (2006) sob uma perspectiva colecionista, entendendo a coleção enquanto reconfiguradora do mundo de seu colecionador traçando assim relação com a memória do mesmo e do grupo em que está inserido através de seus objetos e das trajetórias informacionais destes. Ao analisar coleções e seus elementos informacionais a partir do texto fílmico *O cheiro do ralo* (2006) foi utilizado como um quadro de referência teórico-metodológico que abarca as áreas da Ciência da Informação e Memória Social cujas temáticas se concentram nas análises sobre os objetos, sua trajetória informacional e a constituição de coleções. Ao atribuir um caráter de excepcionalidade a um objeto, retirando-o de circulação, o colecionador busca uma forma de representação, a questão informacional acerca do objeto funcionará como mediador neste sentido para seu colecionador. No filme em questão vemos a trajetória de Lourenço, dono de uma loja de objetos usados que ao se apaixonar por uma bunda vê seu mundo entrando em desequilíbrio. O cheiro do ralo que o atormenta também o justifica significando a sua intimidade mais profunda. Em meio ao vendaval de auto conhecimento Lourenço transcende a materialidade de seus objetos comprando para si histórias e significados, objetificando pessoas e coisificando tudo ao seu redor.

Palavras-chave: Memória, Informação, *O cheiro do ralo*



O cheiro do ralo

Baseado em livro de mesmo nome o filme em questão narra a trajetória de Lourenço, dono de uma loja que compra objetos usados para revenda. O protagonista é um típico negociante, sempre diminuindo o valor de mercadoria visando obter lucro, porém Lourenço demonstra prazer na humilhação alheia, principalmente quando os clientes se sacrificam e demonstram desespero em vender os objetos. Seu mundo está sempre em equilíbrio: no trabalho obtém lucro, em casa se entretém com programação da tv a cabo e segundo suas palavras “não gosta nem nunca gostou de ninguém”. No entanto, esse mundo começa a ruir quando do banheiro do seu escritório surge um insuportável cheiro vindo do ralo, o qual Lourenço repete a cada cliente que o cheiro não vem dele, mas do ralo. Ao recusar um violino stradivarius Lourenço trata a mercadoria como se nada tivesse de excepcional, o cliente indignado o provoca dizendo que o lugar cheira mal, o protagonista rapidamente explica haver um problema no banheiro com o ralo, o cliente diz que o cheiro não é do ralo e pergunta quem utiliza o banheiro, perplexo Lourenço responde que apenas ele o utiliza, o cliente então conclui que o mau cheiro não vem do ralo e sim dele. Tal situação o perturba a ponto de dormir mal e se justificar a todos sobre o problema do banheiro.

Ao almoçar em um bar próximo ao seu estabelecimento Lourenço se encanta por uma bunda. Esta pertence à garçonete do lugar, a qual Lourenço não sabe pronunciar o nome por ser uma junção de pelo menos três nomes segundo ele “o da mãe, o do pai e o de algum astro da tv”. A obsessão pela bunda da garçonete o faz voltar ao bar todos os dias, ainda que os sanduíches que ele escolhe sejam de qualidade duvidosa e sempre provoquem infortúnios intestinais. A bunda torna-se objeto de seu desejo, ocupando seus pensamentos e aumentando seu tormento com o ralo, uma vez que ao querer ver a bunda Lourenço almoça no bar, o que o faz passar mal e logo gera o mau cheiro do ralo.

Ao se apaixonar por uma bunda Lourenço a objetifica, e repete para si mesmo que pagaria para tê-la. Seu interesse se restringe a bunda como objeto e não a garçonete como mulher, uma vez que ao ser indagado sobre saírem Lourenço demonstra que não é esse seu desejo e que um relacionamento desconstruía sua busca pelo objeto desejado. A partir disto Lourenço muda seu critério de seleção para compra de seus objetos, o valor de mercado dá lugar ao valor simbólico de cada um. Em muitos diálogos uma frase se



repete sobre os objetos: isso tem história. Porém, não são quaisquer histórias que interessam a Lourenço, apenas as que possam reconstruir sua própria identidade. Filho de pai desconhecido Lourenço compra um olho de vidro por um valor exorbitante e diz a seus clientes que o objeto era de seu pai, e assim o faz também com uma perna mecânica, na tentativa de construir um pai “Frankenstein” que nunca o deixará.

O olho de vidro significa para Lourenço mais que a reconstrução de seu pai, mas a sua própria necessidade de se construir e de se conhecer. Ao oferecer o objeto o cliente diz que “esse olho já viu de tudo”, mas para Lourenço “de tudo esse olho não viu, ele não viu a bunda”. Este devolve ao olho uma suposta funcionalidade, a de “enxergar” e o mostra a bunda e tudo o que acontece em sua vida. O olho configura diferentes histórias ao ser exibido por Lourenço, criando assim dinâmica em seu mundo.

Ao objetificar a bunda Lourenço parte em uma jornada para possuí-la, porém ao se desentender com a garçonete o protagonista paga a uma viciada que lhe mostre a bunda enquanto se masturba e faz o mesmo com uma garota de programa. O prazer é instantâneo, mas se concretiza apenas como substituições, gerando ainda uma necessidade pelo objeto “original”.

Lourenço acredita que sua constante irritação se deve ao incômodo cheiro do ralo, resolvendo então tampá-lo, porém o buraco parece não ter fim engolindo sacos e mais sacos de areia, sendo necessário então concretá-lo. Ao se ver livre do cheiro do ralo Lourenço se ocupa a “mostrar” coisas ao olho de vidro e a possuir a bunda, seu objeto de desejo. Diante de uma situação de prazer Lourenço não resiste e quebra o concreto que o separa do ralo, assumindo para si mesmo o cheiro como parte de si, sem o qual não pode viver.

Ao entendermos os objetos como resultados das sociedades que os produziram podemos perceber que nossas lembranças são coletivas, mesmo quando não envolvem outros atores, uma vez que inseridos na sociedade nunca estamos sós. Segundo Hallbwachs (2004, p.30) “não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Neste sentido, os objetos inseridos teoricamente nos quadros sociais da memória traçam relações diretas entre a memória individual e a social, a partir de lembranças construídas por nós e que carregadas de significações se transformam de acordo com os mecanismos que ordenam, induzindo ou



até mesmo mudando nossas lembranças. Ao considerarmos a recuperação desta memória por meio da coleção do personagem, podemos corroborar com Benjamin (2004), quando afirma que colecionar é uma forma de recordação prática.

Lourenço ao adquirir um objeto traz para si a história do mesmo, ou a modifica para construir sua própria narrativa, porém a frase “isso tem história” é contínua em seu discurso no ato da compra ou na oferta de seus clientes. Ao adquirir um objeto Lourenço o reintegra em um novo circuito social lhe atribuindo novos significados, porém os objetos trazem em si características das sociedades que compõem. Segundo Pomian, uma coleção pode ser conceituada como:

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantido temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público. (POMIAN, 1984, p.53)

As coleções são representações de memória e trazem em si valores atribuídos por seus colecionadores, essas representações se dão tanto simbólica quanto informacionalmente, desta forma o objeto se configura como um mediador entre o indivíduo e o mundo. Os objetos de coleção trazem em si informações intrínsecas, porém ao adquirirem valor excepcional ganham também informações atribuídas por seus colecionadores, Araújo (2001) ao definir o conceito de informação esclarece que entre várias definições pode ser entendido também como um processo de atribuição de sentido. Dessa forma, a memória pode ser entendida como um mecanismo informacional, uma vez que tem como objetivo interpretar e transmitir significados, gerando como resultado a informação o que, segundo Marteleto; Nascimento (2004), “dá forma a alguma coisa”.

A aquisição de um objeto de coleção acarreta a perda de sua funcionalidade, considerando que o mesmo carrega em si informações aquém de sua característica material, recebendo então atribuições por parte de seu colecionador, não apenas no sentido de posse, mas de valores, uma vez que remete às suas histórias. Nesse sentido, os objetos são estruturados numa nova conjuntura comunicacional, sendo o processo cognitivo classificado pelo colecionador o que antes era estabelecido pela sociedade, com isso o objeto agrega novas informações. “Informação é por outro lado, também, organização, isto é, tem permanência temporal e espacial, gera memória, carece de meio,



pedagogia, política, no sentido da escolha entre fontes, suportes, significados possíveis” (MARTELETO, 2002, p. 101).

Cada objeto que compõe a coleção possui um caráter excepcional, ele representa o seu colecionador e encontra-se inserido em um determinado contexto. Nesse cenário de posse o colecionador organiza os objetos, ainda que de maneira complexa, e estes se relacionam, mas de forma eficiente, a fim de que possam ser recuperados por ele: “Pois é preciso saber: para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana” (BENJAMIN, 2006, p. 241).

Ao ser atribuído um valor excepcional a um objeto outrora desprezado fica claro o papel do colecionador no processo de colecionamento e a peculiaridade deste tipo de coleção, que agrega valores e cuidados especiais a objetos dotados de aura que mediam o espaço do imaginário, mas esquecidos socialmente.

Considerações Parciais

Em uma coleção a funcionalidade dos objetos é fator crucial em sua relação com o colecionador, uma vez que apenas esse indivíduo pode retirá-la ou resignificar o objeto lhe restituindo ou atribuindo nova funcionalidade, como vemos com o olho de vidro que passa a “enxergar” o mundo de Lourenço.

Os objetos que se destacam nessa narrativa são reintegrados em circuito (a coleção de Lourenço) de acordo com a vontade do colecionador. Esse movimento se dá a partir da perda ou reatribuições funcionais sobre os objetos. Apenas o colecionador pode decidir o que deve ou não entrar para sua coleção, e como isso deve ser feito. A objetificação de pessoas na narrativa se dá com o intuito de agregá-las como objetos ao seu universo colecionável.

Podemos entender o colecionador como um atribuidor de sentidos que reconfigura o seu mundo a partir da formação de sua coleção. Ao retirar um objeto de circuito e lhe atribuir excepcionalidade o colecionador se representa socialmente, no caso de Lourenço ao construir sua coleção a partir de narrativas que lhe sejam próximas o colecionador empreende uma jornada para criar laços e sentidos familiares e históricos que o justifiquem identitariamente.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Eliany Alvarenga de. A Construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - v.2 n.5 out/01. Acesso: em 17 de out. de 2002. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out01/Art_03.htm.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 237-246.

O CHEIRO do ralo. Dirigido por Heitor Dhalia. BRA: 2006, 112 min. sonoro, colorido.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque de. **O campo da Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p.101-115.

MARTELETO, Regina Maria; NASCIMENTO Denise Morado. A "informação construída" nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **DataGramZero**, Revista de Ciência da Informação. , v. 5, n. 5: out: 2004.

POMIAN, Krysztof. Memória: Atlas, Coleção, Documento/monumento, Fóssil, Memória, Ruína/restauro. In: GIL, Fernando (Coord.). **Sistemática**. [Porto]: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p.507-516. (Enciclopédia Einaudi, v. 42)